

A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA PARA O DIALOGISMO ENTRE CULTURAS: ANÁLISE DA OBRA *VENTOS DE OUTONO: UMA FENOMENOLOGIA DA MATURIDADE*, DE FRANCISCO HASHIMOTO

THE PHENOMENOLOGY CONTRIBUTION TO DIALOGISM BETWEEN CULTURES: ANALYSIS OF FRANCISCO HASHIMOTO'S WORK, VENTOS DE OUTONO: UMA FENOMENOLOGIA DA MATURIDADE

Alexandre Marcelo Taddei Ramos¹
Maurílio Alves Rodrigues²

Resumo: O ser humano, tratando-se de um ser de relações, necessita de novas perspectivas que permitam o melhor convívio social. A alteridade e o entendimento do “outro” são caminhos que a fenomenologia permite trilhar. Esta pesquisa, caracterizada pela análise da obra *Ventos de outono: uma fenomenologia da maturidade* tem como objetivo buscar a contribuição da fenomenologia para o dialogismo entre culturas. A composição da população brasileira por uma maioria imigrante torna-se um objeto de pesquisa atual e justificado, posto que trabalhar-se-á com a vivência da maturidade para os *nisseis*. Através de revisão bibliográfica da obra base, artigos científicos e literatura específica sobre o tema, o presente trabalho encontra na escolha de Hashimoto pela fenomenologia, uma ferramenta para o diálogo.

Palavras-chave: Fenomenologia. Imigração japonesa. Cultura.

Abstract: The human being, like a relationship being, needs new perspectives that allow the best social interaction. Otherness and understanding of the "other" are ways that phenomenology allows us to tread. This research, characterized by the analysis of the work *Ventos de outono: a phenomenology of maturity* aims to seek the contribution of phenomenology to the dialogism between cultures. The composition of the Brazilian population by an immigrant majority becomes an object of current and justified research, since it will work with the experience of maturity for the *nissei*. Through a bibliographical revision of the basic work, scientific articles and specific literature on the subject, the present work finds in the choice of Hashimoto by phenomenology, a tool for the dialogue.

Keywords: Phenomenology. Japanese immigration. Culture.

1. Introdução

O presente trabalho busca através de uma análise reflexiva da obra *Ventos de Outono: uma fenomenologia da maturidade*, de Francisco Hashimoto, entender sua escolha pela fenomenologia como metodologia para direcionar sua pesquisa e como esta escola filosófica possibilita recursos para o dialogismo entre culturas diferentes.

¹ Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. E-mail: alexandreclautaddei@gmail.com.

² Doutor em Ciências Religiosas pela Université Paris-Sorbonne. Professor na Faculdade João Paulo II. E-mail: marodrigues1@hotmail.com.

A formação do Brasil com base na grande miscigenação racial causada pelos imigrantes que chegaram vindos das mais variadas regiões do planeta, justifica este trabalho na medida em que busca diminuir a distância entre as diferentes culturas que compõe a população brasileira.

Por ser um tema bastante amplo e complexo, usar-se-á como eixo norteador o trabalho do professor Hashimoto sobre a vivência da maturidade de um grupo de filhos de japoneses nascidos no Brasil e moradores da região do Vale do Paranapanema, principalmente Assis, que com sua dualidade existencial causada por uma cultura herdada dos pais e outra adquirida na terra de nascimento, ilustram o entendimento fenomenológico que se pretende buscar.

Este artigo partirá de uma conceituação de cultura que permita trabalhar com a ideia de humanidade enquanto uma comunidade através de suas relações. Essas relações serviram como base para a apresentação da obra a ser analisada. Segue-se com uma contextualização histórica sobre a imigração japonesa no Brasil para então introduzir a fenomenologia enquanto filosofia e sua respectiva influência no dialogismo cultural. Em seguida, parte-se para a apresentação das conclusões.

A questão levantada em neste trabalho tem como objetivo geral buscar um caminho que diminua a distância entre culturas diferentes promovendo maior alteridade entre elas através da fenomenologia. Os objetivos específicos visam: fazer um paralelo entre a psicologia fenomenológica utilizada por Hashimoto e a fenomenologia enquanto filosofia; refletir sobre os conflitos gerados pela sobreposição de duas culturas, no caso a japonesa e a brasileira, durante a vivência da maturidade; expor que o método fenomenológico integra a partir de perspectivas individuais, um conceito mais complexo e próximo do real; justificar a escolha de Hashimoto por tal metodologia e refletir sobre sua contribuição em relação à alteridade.

A viabilização deste trabalho seguiu este processo metodológico: levantamento bibliográfico; análise de artigos científicos sobre fenomenologia e psicologia fenomenológica; estudo histórico sobre a imigração japonesa; revisão da obra Ventos de Outono; apresentação das conclusões.

2. Um olhar sobre a obra: cultura, maturidade e história

Ao nascer, o homem se encontra existencialmente vinculado a um tempo e lugar, assimilando e sendo assimilado por um grupo, tornando-se parte de uma comunidade e

imerso em uma cultura. Por cultura “entende-se tanto o conjunto de representações e comportamentos adquiridos pelo homem enquanto ser social (...) bem como o processo dinâmico de socialização pelo qual todos esses fatos de cultura se comunicam e se impõe em determinada sociedade” (JAPIASSU, MARCONDES, 2001, p. 61). Este conceito de cultura que é “instituído no momento em que os humanos estabelecem para si mesmos, regras e normas de conduta que asseguram a existência e a conservação da coletividade” (CHAUÍ, 2011, p.228) integra pessoas dentro de um grupo com ganho e aprendizado mútuo, ocorrendo simultaneamente em locais diferentes com grupos diferentes que acabarão por se encontrar. Forma-se então uma coexistência entre várias comunidades, formando um todo a partir de peças diferentes. Nesse contexto, cabe ressaltar que a vida é dinâmica e que com sua movimentação constante faz com que as comunidades além de se tocarem se miscigenem. Surge uma nova comunidade que em sua estrutura interna é composta por culturas que antes eram distantes.

A interação entre os diferentes ilustra a comunidade como resultado de relações não só de seus membros, mas também da relação com outras comunidades. Este processo pode nem sempre ocorrer de maneira tranquila. Na realidade, quase sempre é um movimento doloroso, conflitante entre aspectos que são aceitos por uma cultura e negados por outra, integrando pontos por vezes antagônicos. Esse processo se encontra no estudo do presente trabalho, a obra *Ventos de outono: uma fenomenologia da maturidade* do professor Francisco Hashimoto. O tema que foi usado em sua obra de doutoramento busca explorar a relação de um grupo de nisseis, filhos de japoneses nascidos no Brasil, que cresceram entre dois mundos, duas culturas bem diferentes, uma herdada dos pais e outra adquirida na terra de nascimento como influência do fenômeno da maturidade. “Considero que na vida dos nisseis a maturidade deve apresentar-se com aspectos mais significativos, pois além dos conflitos próprios desse período, acrescentam-se os decorrentes do choque provocado pela influência de duas culturas diferentes: a nipônica e a brasileira.” (HASHIMOTO, 1998, p.18).

Ventos de outono marca a continuação da pesquisa do professor Hashimoto sobre a imigração japonesa no Brasil iniciado em seu trabalho de mestrado intitulado *Sol nascente no Brasil: cultura e mentalidade*. Nesse primeiro momento Hashimoto busca recuperar as lembranças que foram retidas e confrontá-las com a nova situação encontrada no Brasil por dez imigrantes que se firmaram na região do Médio Paranapanema. Indo ao encontro do subjetivismo que marca não só as relações pessoais, mas também a interação com o ambiente físico e o processo temporal. “A representação

espacial, assim como a temporal, oferecem meios objetivos de estudar fenômenos sociais e mentais.” (BERENSTEIN, 1998, p.157).

No segundo momento Hashimoto de detém no processo temporal, mais precisamente no momento da maturidade onde os entrevistados colhem os frutos daquilo que foi plantado ao longo da sua jornada, o que não necessariamente encontra correspondência no idealizado na juventude.

Ventos de outono foi estruturado em oito capítulos com o seguinte conteúdo:

- Introdução: Trata da apresentação e justificativa do tema;
- Capítulo Primeiro: Trata do modo como é considerada a maturidade na cultura japonesa;
- Capítulo Segundo: Trata dos fundamentos fenomenológicos contidos no trabalho;
- Capítulo Terceiro: Trata da articulação entre maturidade, existência e cultura;
- Capítulo Quarto: Trata da pesquisa, metodologia e objetivos do trabalho;
- Capítulo Quinto: Trata da apresentação dos resultados;
- Capítulo Sexto: Trata da questão da maturidade na vida dos nisseis;
- Capítulo Final: Trata de uma síntese conclusiva.

A dualidade cultural presente na obra coloca em questão os conflitos entre os projetos idealizados pelos pais para o futuro dos filhos, que ao saírem do Japão tinham o intuito de conseguirem recursos financeiros para retornarem à sua terra natal. Este fato não deixava espaço para aceitação do novo país como um novo lar, impedindo também a incorporação de aspectos da cultura local em sua formação evolutiva. A fim de permitir uma abordagem mais ampla sobre o conflito entre o ideal inicial da vinda para o Brasil, a realidade aqui encontrada e a consequência para as gerações posteriores tornam necessária uma contextualização histórica sobre o processo de imigração japonesa.

Tomoo Handa coloca como uma das causas do êxodo japonês o processo de modernização do Japão iniciado na restauração Meiji (HANDA, 1987, p.72). Esse período foi marcado pela dificuldade econômica encontrada no campo e pelo inchaço urbano com desempregados oriundos do retorno da guerra russo-japonesa. A solução encontrada para equilibrar o caos que se instaurava era o êxodo. Isso fica claro no texto

do Nambei *Tôkô Annai* (Guia de Viagem à América do Sul), escrito pelo presidente da Companhia Imperial de Imigração, que diz:

Quando, no ano passado, a guerra russo-japonesa estava no auge, achei que, com o retorno dos militares dos campos de batalha, teríamos um grande número de desempregados; acreditei então que era chegado o momento de aproveitá-los como vanguardeiros na introdução de emigrantes japoneses na América do Sul; assim, elaborei uma proposta nesse sentido e solicitei a manifestação das autoridades e de civis mais qualificados do que eu: não houve quem não concordasse com a ideia. (HANDA, 187, p.74).

Contudo a imigração para o Brasil não ocorreu como primeira opção. Esta só se deu pela restrição imposta pelos Estados Unidos ao acesso primário ao Havá e Canadá. Temos então que desde o início a imigração para o solo brasileiro se deu de maneira forçosa, contribuindo para tornar um processo conflituoso que é a imigração, ainda mais difícil. Não é o intento de este trabalho aprofundar nos processos geopolíticos acerca do assunto, pois é necessária apenas uma contextualização do ambiente inicial que gerou o material de pesquisa do professor Hashimoto.

O momento escolhido para a investigação foi o momento da maturidade, onde o entrevistado de encontra em um ponto de transição entre sua fase produtiva da juventude e a fase reflexiva que acompanha a velhice. Este panorama complexo foi ilustrado por uma comparação entre as fases da vida e as estações do ano, posto que uma das características da cultura japonesa é ser pautada em uma rotina ditada por estações bem definidas e uma profunda identificação com elas, fato comum às sociedades bucólicas.

A união da primavera com a infância simboliza a figura da criança - buda². Assim como a infância tem a temporalidade limitada, a primavera também delimita o prenúncio de uma nova fase, ou de renascer das quatro estações. (HASHIMOTO, 1998, p.22).

Seguindo essa analogia, Hashimoto coloca a maturidade como um fenômeno do outono “símbolo do ser que ainda se sente com vitalidade, mas que já percebemos prenúncios do processo de envelhecimento no corpo” (HASHIMOTO, 1998, p.26), um momento de introspecção e reavaliação sobre seus projetos pessoais, sobre filhos e até mesmo sobre a morte.

² Referência a um haikai, poema típico japonês. “de boca aberta/ Contemplando as flores caídas/ a criança é um Buda” (HASHIMOTO, 1998, p.22).

Utilizando o formato de entrevistas com dez nisseis do sexo masculino, a fim de observar relatos de cunho pessoal, perspectivas individuais que fornecessem ângulos diferentes sobre uma mesma problemática. Questões como convivência com membros de outras etnias, casamento com não descendentes, cobranças por rendimento escolar e profissional acima dos *gaijin*³ e como relacionar as duas culturas, ilustram a maneira como estes entrevistados se encontravam no momento de vivenciar o advento da maturidade.

Como abordado anteriormente, a pesquisa do autor foi realizada buscando impressões pessoais de cada entrevistado sobre suas expectativas e vivências na maturidade. Essa subjetividade, como foco em uma mesma problemática, marca a opção do autor por trabalhar com uma abordagem fenomenológica, abordagem esta que permite a busca por uma verdade a partir de várias percepções. Esse princípio fenomenológico é o que será explorado na sequência do trabalho.

3. Sobre Fenomenologia e dialogismo cultural

Quando Sócrates direcionou os questionamentos filosóficos para o homem e seus valores como justiça e conhecimento, surgiu o problema de como discutir aquilo que não é concreto, ou seja, objetos conceituais. A Fenomenologia desenvolvida por Edmund Husserl caracteriza-se como uma nova forma de teoria do conhecimento (Vergez, A. Huisman, D, 1980). Husserl busca através de um método encontrar a verdade tal como ela se apresenta no mundo, livre da contingência científica que exclui o papel da subjetividade do observador, afastando este daquilo que Husserl tratará por “mundo-da-vida” (*lebenswelt*) em sua obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de 1936.

A palavra fenômeno tem origem grega e significa aparência. Segundo Ferrater, equivale como “*algo*” aparenta ou mais precisamente se manifesta (MORA, 2005 p.1016). Essa manifestação foi investigada por Husserl, divergindo de abordagens anteriores como empirismo e idealismo, que colocavam o foco do conhecimento no objeto e no sujeito, respectivamente. Para Husserl, existe sim uma essência comum por trás das manifestações, mas que não poderia ser alcançada pela neutralidade científica

³ gai = de fora ; jin = pessoa. Portanto pessoa que vem de fora, estrangeiro, podendo ser ofensivo dependendo do contexto.

ou pelas relações causais do psicologismo. É neste momento que Husserl se afasta do ego cartesiano, que se volta para si afastando-se do mundo, problematizando que a consciência é sempre parte determinante da construção mundo, trazendo importância para as relações entre o ser e o mundo. A filosofia só tem importância se aplicada ao “mundo-da-vida”. A Fenomenologia de Husserl busca um retorno às coisas como estas se manifestam, buscando um sentido no conhecimento que transcenda o puro aspecto teórico e se relacione com a realidade vivida. “A fenomenologia trata da experiência humana como ela é e não como deveria ser segundo proposições pré-estabelecidas pelas ciências naturais. Trata-se de uma forma particular de fazer ciência: a pesquisa qualitativa que substitui as correlações estatísticas pelas descrições individuais e as conexões causais por interpretações oriundas das experiências vividas.” (SADALA, 2001, p.2). Encontra-se então um mundo que existe através da consciência individual e uma consciência individual que existe através do mundo. Gerando um significado em qualquer ação que somada a outras, forma o panorama onde a essência pode ser atingida. A consciência assume então o papel de ferramenta para o acesso à essência através do que Husserl chama de *intencionalidade*, em outras palavras, a consciência é sempre consciência *de algo* (AZEVEDO, 2011).

Merleau-Ponty, fenomenólogo francês, argumenta, ao longo de sua obra *Fenomenologia da Percepção* (1999), que o conhecimento não pode ser medido a partir de dados puramente estáticos, sem vínculo com o mundo vivido. Tal conhecimento seria independente da percepção de sua manifestação, o que resultaria num afastamento da proposta fenomenológica que é buscar a essência como ela se mostra e não como deveria se mostrar. O homem desse modo é um ser único, dono de uma perspectiva particular que altera o foco em relação ao objeto, mas não sua essência. Merleau-Ponty exemplifica utilizando a percepção de uma casa. Nesse pensamento uma casa pode ser percebida em qualquer momento no qual é observada. Pode ser observada pela sua frente, laterais, fundo ou até mesmo de cima. Composta por vários ângulos de observação tem-se a mesma casa, que só será totalmente conhecida após a união das variadas perspectivas. A casa existe como algo em si, independente da perspectiva. Ver a casa é, portanto vê-la em algum espaço-tempo e não será outra casa apenas por ser vista por outro prisma. (SADALA, 2001, p.5-6).

Importante ressaltar que a complexidade e extensão da obra de Husserl não poderiam ser tratadas com o devido rigor em tão pequeno espaço. Contudo para manter

fluidez do presente trabalho, abordaremos de modo suficiente, embora extremamente superficial, a fenomenologia husserliana.

Partindo da introdução conceitual de fenomenologia proposta anteriormente, podemos buscar uma compreensão do motivo pelo qual Hashimoto escolheu esta abordagem como metodologia e de como, a partir disso, podemos usá-la para o dialogismo entre culturas diferentes. O termo dialogismo é emprestado do linguista e russo Mikhail Bakhtin “que o considera como um encontro de alteridades” (JUNIOR, 2014, p.1), de forma mais clara entende-se que a contribuição das especificidades que só se encontram visíveis pela relação com o outro, alteridade, formam um entendimento mútuo e evolutivo. É justamente essa marca de alteridade, evolução e compreensão que permite buscar o ser humano segundo uma perspectiva fenomenológica.

Dentro da proposta fenomenológica, a concepção de homem implica diferentes especialidades ontológicas que permitem um desenvolvimento dinâmico de si dentro de uma esfera biopsicossocial. Este movimento coloca o homem como um ser de possibilidades, atrelado ao mundo através do seu corpo pelo qual é tocado pela concretude da existência (LUCZINSKI, ANCONA-LOPEZ, 2010, p.2). A subjetividade e espacialidade agem como construção contínua do homem num processo de evolução constante, jogado em um mundo de relação, onde o encontro com o outro e seu mesmo processo de desenvolvimento, é inevitável⁴. O outro torna-se então o portador de uma perspectiva diferente sobre um mesmo objeto, permitindo uma maior assimilação da essência do pesquisado, mas, como dito anteriormente, sem torná-lo um objeto diferente, obedecendo à metodologia fenomenológica.

Tomando como objeto de investigação a maturidade, encontra-se uma etapa inerente ao desenvolvimento humano, posto que enquanto sofrer as consequências do tempo, envelhecer é inevitável. Processo que se estende a todo ser vivo independentemente de sua cultura ou etnia. Neste momento a fenomenologia inicia seu papel de ponte entre várias perspectivas rumo a uma essência. No presente objeto de estudo encontra-se a maturidade como objeto e a ótica nissei como uma das perspectivas possíveis.

O método fenomenológico por permitir a colaboração de variados ângulos de observação, torna o trabalho complexo e intenso, pois a cada nova perspectiva novas peças da *essência* buscada são adicionadas. Tal fato pode ser observado na própria obra

⁴ Temos neste trecho uma ideia de ser na perspectiva de Heidegger. Este em sua obra *Ser e tempo* propõe que o homem nasce jogado em um mundo em constante progresso, ao qual ele tenta dar sentido através de suas escolhas e percepções, definindo sua própria existência.

de Francisco Hashimoto, que é utilizada como base para este trabalho. Nela encontramos como uma pesquisa baseada na entrevista com dez *nisseis* do sexo masculino. Será que a *nissei* do sexo feminino não possui uma perspectiva sobre a maturidade? O próprio autor sinaliza que sua pesquisa está longe de ser definitiva, reafirmando que sua escolha pela fenomenologia foi bastante pertinente. Essa característica permite que a abordagem fenomenológica seja utilizada em qualquer conceito, como disputas étnicas, sociais, tecnológicas e éticas, diminuindo a distância entre as perspectivas diferentes, no caso do presente trabalho, culturas. O dialogismo cultural representa então o caminho do entendimento entre pontos que parecem distantes, mas que se encontram na essência. Isto é proporcionado pela Fenomenologia de Husserl.

4. Considerações finais

O ser humano encontra seu desenvolvimento pessoal com base nas suas relações com o próximo. Em sua obra *Ventos de outono: uma fenomenologia da maturidade*, Francisco Hashimoto explora a vivência da maturidade para um grupo de *nisseis*. Através da utilização do método fenomenológico, Hashimoto busca integrar as percepções individuais de cada entrevistado na direção de um conteúdo essencial a todos.

A fenomenologia foi criada por Edmund Husserl com o intuito de buscar a essência das coisas através de como elas se manifestam no mundo. A percepção individual sobre o objeto manifestado é somada as demais percepções e formam um panorama mais completo e próximo do ideal. A maturidade enquanto etapa inerente a todos os seres vivos sinaliza para o potencial de dialogismo que a fenomenologia possui. A maturidade como objeto dentro da perspectiva *nissei* pode facilmente ser transportada para outra cultura seguindo mesmo processo metodológico de investigação. Assim a distância entre culturas diferentes pode ser minimizada em busca de um entendimento comum, sem que cada cultura perca sua especificidade.

Referências

AZEVEDO, E. L. *“A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental” de Edmund Husserl: uma apresentação*. 126 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São

Paulo, 2011. Disponível em:

http://www.ontopsicologia.org.br/_arquivos/a_crise_das_ciencias_eurpeias_e_a_fenomenologia_transcendental_de_edmund_husserl_uma_apresentacao.pdf. Acesso em 20 de julho de 2017.

BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. Trad. de Adriana Friedmann. São Paulo: Escuta, 1988.

BOCHENSKI, J. M. *Edmund Husserl*. In: _____. *La filosofía contemporánea occidental*. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. [s.l.]: Herder, 1968. Disponível em: <http://www.consciencia.org/husserlbochenski.shtm>. Acesso em 13 out. 2016.

CHAUÍ, M. *Iniciação à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2011.

COTRIM, G.; FERNANDES, M. *Fundamentos de Filosofia*. São Paulo: Saraiva, 2010.

GOMES, P. B. A. *Filosofia do relacionamento*. *Revela*, ano 3, n. 6, out. 2009.

Disponível em: http://www.fals.com.br/revela16/artigo%204_VI.pdf. Acesso em: 13 out. 2016.

HANDA, T. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz e Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1987.

HARADA, K. *O nikkey no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Cadaris, 2013.

HASHIMOTO, F. *Sol nascente: cultura e mentalidade*. São Paulo: Arte & Cultura, 1995.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

HUSSERL, E. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JÚNIOR, D. R. C. et al. Dialogismo e alteridade nos processos de ensino-aprendizagem: caminhos e possibilidades com o uso das tecnologias. *Rev. Temática*, ano 10, n. 5, p. 31-44, maio 2014. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/19246>. Acesso em: 26 jul. 2016.

LUCZINSKI, G. F. ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro da clínica. *Est. psi.*, v. 27, n. 1, p. 75-82, jan./mar. 2010.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a09>. Acesso em: 13 out. 2016.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulinas, 2006.

MORA, J. F. *Dicionário de Filosofia Tomo II*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

PIRES V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. *Rev. Organon*, v. 16, n. 32-33, p. 35-48, 2002. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29782>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SADALA, M. L. A. Fenomenologia como instrumento para investigar a experiência vivida: uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau-Ponty. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004, Bauru. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2004. Disponível em:

<http://arquivo.sepq.org.br/II-SIPEQ/Anais/Download>. Acesso em: 25 jul. 2016.

SILVA, F. A. N. Fenomenologia e psicologia: uma relação epistemológica. *Psicologia em foco*, v. 2, n. 1, p. 139-142, jan./jul. 2009. Disponível em: <<http://>

http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/161_080812_PONTODEVISTA4-femoneologiaeapsicologiaumarelacaoepistemologica.pdf. Acesso em 13 out. 2016.

VERGEZ, A. HUISMAN, D. *História dos filósofos ilustrada pelos textos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1980.